

OUTRALHAS

Longe de retratar a experiência
"comunista-cristã" dos índios guaranis,
A Missão mostra apenas o remorso
etnocêntrico do diretor Roland Joffé

Deonísio da Silva

Entre a cruz e a espada

Os espanhóis entravam nas vilas, burgos e aldeias, não poupando nem crianças e velhos, nem mulheres grávidas e parturientes e lhes abriam o ventre e faziam em pedaços, sempre matando, incendiando, queimando, torrando índios e lançando-os aos céus. E assassinaram tantas nações que muitos idiomas chegaram a desaparecer por não haver ficado quem os falasse. E, no entanto, eles teriam podido viver num paraíso terrestre."

Essas são palavras do padre Bartolomé de las Casas (1474-1566) "defensor e protetor perpétuo de todos os povos indígenas", figura que nos vem à memória logo que começa a ocorrer a transformação de Robert De Niro, o padre Mendoza de A Missão.

Como Bartolomé de las Casas, Mendoza está integrado ao projeto colonizador espanhol. Como se sabe, o padre las Casas, antes de converter-se, fora encomendero, pois a Coroa espanhola encomendava índios para serem catequizados. Ontorgava, assim, aos colonizadores, os índios e sua descendência pelo prazo de duas vidas: a do encomendero e a do herdeiro imediato. Bartolomé de las Casas escravizou muitos índios e chegou a participar de invasões de aldeias indígenas, numa das quais foram degolados sete mil índios. Mendoza também captura índios para depois vendê-los como escravos ao governador espanhol Cabeza. Charles Low faz o papel desse governador numa interpretação que lembra os velhos vilões de qualquer clássico faroeste. A psicologia do convertido é presidida por comportamentos insólitos. A historiografia católica oferece exemplos "ad nauseam". E o filme apanha bem o percurso que faz Mendoza (outra interpretação irrepreensível de Robert de Niro) para transformar-se de bandido em herói.

Jorge Luís Borges, com suas ironias e paradoxos geniais, não perdoou a generosidade do Padre Bartolomé de las Casas. Num conto intitulado El Atroz Redentor Lazarus Morell, encontramos esta passagem: "En 1517 el P. Bartolomé de las Casas tuvo mucha lástima de los indios que se extenuaban en los laboriosos infiernos de las minas de oro antillanas, y propuso al emperador Carlos V la importación de negros, que se extenuaban en los laboriosos infiernos de las minas de oro antillanas."

Roland Joffé, o diretor de A Missão, não teve a sutileza de Borges para compor sua personagem principal, faltou-lhe também a argúcia e o olho armado de um diretor como Silvio Back, que, no documentário República Guarani, soube evitar a engambelamento que dava os jesuítas como redentores dos Guaranis. E Joffé teve muito mais recursos do que Back para emprender uma coisa melhor. Começa pelo fato de seu filme ser uma ficção, território narrativo privilegiado para se contar uma outra história, como vem fazendo, na literatura, a ficção latino-americana. E continua com outras vantagens características de quem produz um artefato cultural industrial como um filme nos centros de difusão do Ocidente, que abrigam mão-de-obra altamente qualificada para tarefas específicas. Depois, a Inglaterra não tem Embrafilme, o que, convenhamos, facilita muito as coisas. Onde é que o Estado intervém e não atrapalha? Já imaginaram a angústia de um criador, um artista, como deve ser um diretor de cinema, ter de ficar explicando a um amanuense de carreira as razões de cada item de um orçamento esqualido, que, na visão do poderoso sátrapa, é excessivo? República Guarani, que teve locações em vários países, custou cem mil dólares. A Missão contou com um orçamento de 27 milhões de dólares, mas o custo final acabou ficando "apenas" em US\$ 25 milhões.

Pois, com todas essas vantagens, Joffé fez pouco mais do que um panegírico dos jesuítas. O filme é lindo e falso. Com toda certeza, este filme vai dar uma das melhores bilheterias brasileiras. Afinal, este é um País católico, no qual até mesmo boa parte da es-

querda não é leiga. Ele contenta gregos e goianos. Aqueles que defendem uma Igreja desligada dos problemas temporais. A Missão oferece o magnífico espetáculo do padre Gabriel (Jeremy Irons). O conversor de Mendoza, rezando diante do altar rodeado de índios, enquanto a Igreja literalmente pega fogo. Em seguida, os índios saem em procissão, acompanhando o padre, que leva o santíssimo sacramento no ostensório, enquanto seu colega comanda a resistência armada a poucos passos dali. Mendoza exagerou na conversão. Submetido a uma penitência surrealista que oferece belos espetáculos cinematográficos, enquanto é cumprida, e adomestado duramente pelo padre Gabriel, uma vez padre também ele, Mendoza, torna-se bem mais radical. Devido a este trecho do filme, críticos europeus fizeram uma analogia com a Teologia da Libertação. Gabriel satisfaz

os que dizem que lugar de padre é na Igreja. Assim como lugar de mulher é na cozinha, lugar de estudante é na sala de aula etc. Só o lugar dos militares é que "de vez em sempre" muda, mas essa gente defende a idéia de que todos nós só temos um lugar, o nosso, claro.

Como o poder poderá controlar alguém que não se sabe onde está? Ou que o poder não tem como saber? Por isso, as reduções mantêm em lugar apropriado, as reduções, os índios sob controle. Aliás, uma leitura de Michel Foucault iria fazer bem aos realizadores de A Missão. Aqueles padres moços, na flor da juventude, em meio a índias peladas, contemplando-as como se fossem igualzinhas às árvores. Mas para mexer com o desejo, Joffé seria obrigado a investigar o poder. O filme talvez não desse tanta bilheteria, mas ficaria mais sofisticado e mais inte-

ressante. Do jeito que está é um faroeste religioso. A única diferença é que os mocinhos morrem no fim.

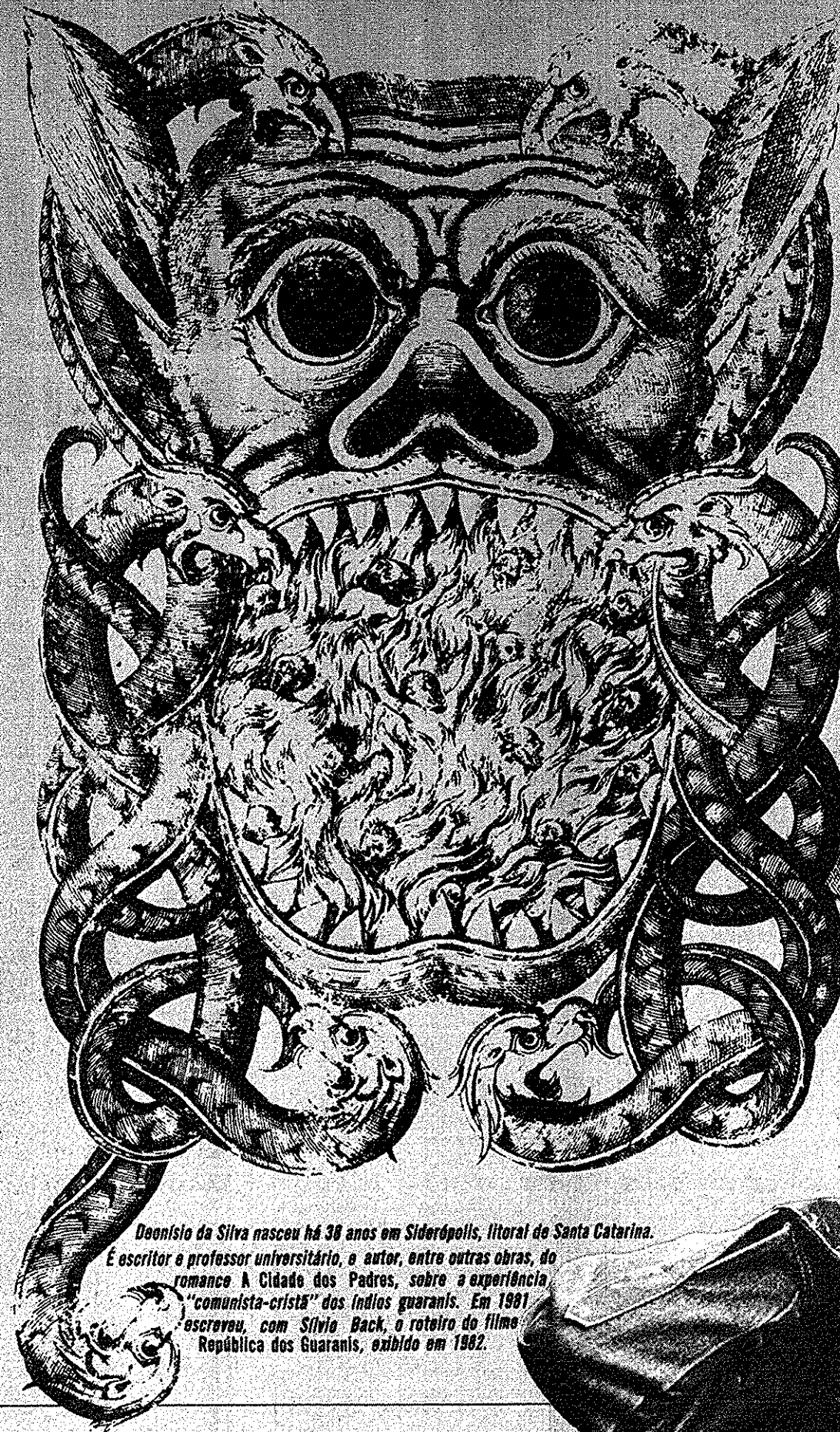
Fica porém, um outro consolo. O padre Mendoza deflagra e comanda a resistência indígena. O envagelho na mão esquerda, o bacamarte na mão direita, já que o padre não é canhoto — nem Robert de Niro.

Aos que professam a chamada Teologia da Libertação, a beleza plástica da resistência comoverá. Uma certa hora, Robert de Niro está pronto para disparar contra os invasores, já dentro da Missão, quando uma criança guarani cai de uma pingueta. Ele vacila um pouco, mas vai socorrer o infante e então não dá mais tempo de disparar.

Os dois maiores exércitos europeus do período uniram-se para destruir a experiência "comunista-cristã" dos índios guaranis sob a égide dos jesuítas. Uma sociedade elogiada por figuras como Voltaire, Montesquieu, Buffon, D'Alembert, Chateaubriand, etc. O escritor brasileiro Eric Veríssimo também aprovava a República Guarani, sobretudo em sua ficção. Foi o primeiro Vietnã da América Latina. E o filme é um remorso etnocêntrico. Desculpa a Companhia de Jesus, historicamente indesculpável nesta questão. Os jesuítas sustentaram o projeto colonizador. Tanto português quanto espanhol. Em nossas escolas se fala muito bem do padre Anchieta, mas só se fala o que ele fez de bom. Os habitantes da Galáxia de Gutenberg, entre nós tão poucos, sabem que o autor daquele horroroso poema "De Gestis Mendi de Saa", em que o genocídio indígena perpetrado por Mem de Sá recebe os mais retumbantes louvores, foi escrito por este outro defensor dos índios, que, aliás, como Nóbrega, tinha escravos negros para o serviço das paróquias. A Igreja Católica, que já canonizou tanta gente, não canoniza Anchieta. Por que? Perguntem ao Vaticano. Lá eles sabem. Colonos e padres eram igualmente invasores com métodos diferentes — essa é a verdade.

O grande herói de A Missão deveria ser o Marquês de Pombal, rapidamente referido, através de uma carta que é entregue ao padre Altamirano que, aliás não a lê. A Companhia de Jesus, quando o mundo se dividiu em defensores da reforma e da Contra-Reforma, fez sua opção: ficou ao lado da Contra-Reforma. Quis restaurar a Idade Média e edificar um império teocrático no novo mundo, para recuperar aqui o terreno perdido lá. Durou cento e cinquenta anos. O marquês de Pombal foi um despota, mas um despota esclarecido, ao contrário de outros que nos têm governado aí pela História.

Quando a opção democrática não nos é oferecida e a gente tem de escolher entre um despota ignorante e outro, esclarecido, qual dos dois a gente suporta melhor? A Cia. de Jesus era na época uma multinacional que escapava ao controle do Estado. Pombal, estadista, queria um Estado leigo. Seu projeto fracassou, ele servia a um rei católico. O Brasil e A Missão são jesuítas.



Deonísio da Silva nasceu há 38 anos em Siderópolis, litoral de Santa Catarina. É escritor e professor universitário, e autor, entre outras obras, do romance A Cidade dos Padres, sobre a experiência "comunista-cristã" dos índios guaranis. Em 1981 escreveu, com Silvio Back, o roteiro do filme República dos Guaranis, exibido em 1982.

